

A Sete Palavras da Cruz - (Lucas 23: 33)

Introdução:

O Senhor Jesus Cristo foi crucificado entre dois malfeitores, cumprindo as Escrituras que já anunciavam que Ele seria contado com os transgressores. Conforme o relato do Evangelho de **Marcos 15:25**, **“E era a hora terceira, e o crucificaram”**, isto é, às nove horas da manhã daquela sexta-feira da Páscoa.

O Filho de Deus estava sendo julgado como um criminoso. Contra Ele levantaram duas acusações gravíssimas: blasfêmia contra Deus, segundo o tribunal religioso judaico, e conspiração contra César, perante o poder romano.

Assim, o poder religioso e o poder político uniram forças para condenar à morte de cruz o próprio Autor da vida. Aquele que jamais pecou foi tratado como culpado; o Justo foi sentenciado como injusto. Entretanto, nada ocorreu fora do soberano propósito divino, pois Cristo entregava-Se voluntariamente para cumprir o plano da redenção.

Quando o Senhor Jesus foi pregado na cruz, entre a hora terceira e a hora nona — das nove da manhã às três da tarde —, conforme registram os Evangelhos, Ele suportou dores intensas, sede profunda e extremo sofrimento.

Contudo, em vez de amaldiçoar Seus algozes, manifestou graça, misericórdia e perfeita submissão ao Pai.

Naquele cenário de dor, a cruz tornou-se o palco da redenção, e dali o Salvador proferiu sete palavras que revelam o coração do Evangelho.

É desse importante tema que vamos tratar a seguir: As sete palavras da cruz.

A primeira palavra proferida por Jesus da cruz: Foi a palavra do Perdão

(Lucas 23:34) Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem.

Antes de ser crucificado, o Senhor Jesus foi cruelmente açoitado. Cuspiram em Seu rosto, escarneceram d'Ele e o feriram, dizendo com zombaria: “Profetiza, Cristo, quem é o que te bateu” (Lucas 22:64).

Colocaram-Lhe sobre a cabeça uma coroa de espinhos, e, depois de o espancaram, conduziram-No ao Calvário, onde foi pregado na cruz. Seu corpo estava dilacerado, sangrando e exausto; a dor era intensa, a sede abrasadora, e o sofrimento indescritível.

Todavia, naquele cenário de extrema agonia, Jesus profere Sua primeira palavra: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem”. Em vez de juízo, Ele oferece intercessão; em vez de condenação, suplica perdão.

Não apenas ora por Seus executores, mas atenua-lhes a culpa, declarando que agiam em ignorância. Que amor incomparável! Que graça superabundante! Que perdão glorioso concedido a pecadores indignos! É por causa desse perdão que temos viva esperança diante de Deus.

Destacamos aqui três verdades preciosas:

Primeiro: Jesus não retribui o mal com o mal, mas vence o mal com o bem.

Segundo: Jesus intercede ao Pai em favor daqueles que tramam Sua morte.

Terceiro: Jesus demonstra misericórdia ao reconhecer a ignorância espiritual de Seus algozes.

A aplicação aqui é clara e necessária: devemos seguir o exemplo de Cristo. Assim como Ele perdoou os que O crucificaram, também nós somos chamados a perdoar uns aos outros.

A primeira palavra da cruz foi a palavra do perdão, e essa mesma disposição deve governar o coração de todo verdadeiro discípulo de Cristo.

Após contemplarmos a primeira palavra proferida por Jesus da cruz, passaremos agora a considerar a segunda palavra proferida por Jesus da cruz.

A segunda palavra proferida por Jesus da cruz: Foi a palavra da Salvação

(Lucas 23:43) Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso.

A Escritura afirma em Mateus 27:44 que ambos os salteadores crucificados com Jesus O injuriavam. Entretanto, o relato de Lucas 23:40-42 revela que um deles foi alcançado por profunda convicção.

Aquele homem, pendurado na cruz e à beira da eternidade, reconheceu a justiça de sua própria condenação — “nós, na verdade, com justiça” porque nossos feitos merecerem.

Declarou também a absoluta inocência de Cristo — “este nenhum mal fez”.

E reconheceu Jesus como Senhor e Rei expressando sua fé no Salvador ao suplicar: “Senhor, lembra-te de mim, quando entrares no teu Reino”.

Vemos aqui arrependimento sincero, fé verdadeira e esperança depositada unicamente no Senhor Jesus.

Diante da súplica daquele homem Jesus pronunciou a segunda palavra da cruz, a palavra da salvação: “Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso”.

Aquele que fora transgressor da lei recebe, pela graça, a promessa da vida eterna. No último instante de sua existência terrena, foi salvo exclusivamente pela misericórdia de Deus.

Dessa cena extraímos duas verdades solenes.

Primeiro: Ninguém que se volte a Cristo com arrependimento sincero será rejeitado. Como afirmou o Senhor em João 6:37, “o que vem a mim de maneira nenhuma o lançarei fora”.

Segundo: A salvação é exclusivamente pela graça de Deus. Aquele homem não possuía boas obras, pois vivera à margem da lei; e, ainda que as tivesse, elas não poderiam salvá-lo, porque ninguém é justificado por obras, mas somente pela graça mediante a fé em Cristo.

A segunda palavra da cruz proclama que ainda há esperança para o pecador e que a salvação é obra exclusiva da graça de Deus.

Tendo contemplado a segunda palavra da cruz, passaremos agora à terceira palavra, na qual o amor de Cristo se manifesta em cuidado e ternura mesmo em meio à dor.

A terceira palavra proferida por Jesus da cruz: Foi a palavra do cuidado

(João 19:26-27) Mulher, eis aí o teu filho... Eis aí tua mãe.

Essa palavra expressa, cuidado e responsabilidade mesmo em meio à dor.

Ao ver Sua mãe e o discípulo a quem amava junto à cruz, Jesus disse: “Mulher, eis aí o teu filho”; depois, ao discípulo: “Eis aí tua mãe”. E, desde aquela hora, o discípulo a recebeu em sua casa.

Provavelmente José marido de Maria já havia falecido, e os irmãos de Jesus — Tiago, José e Judas — ainda não criam n’Ele, vindo a fazê-lo somente após a ressurreição.

Mesmo em meio às dores excruciantes da cruz, Jesus não estava voltado para Si, mas para os outros. Sua terceira palavra revela zelo, responsabilidade e honra filial. Ele assegura amparo à Sua mãe, demonstrando que a verdadeira espiritualidade não negligencia os deveres familiares. A cruz também nos ensina sobre cuidado.

Aqui aprendemos uma verdade essencial para o bem-estar do lar: o cuidado mútuo. Filhos devem honrar e amparar seus pais; pais devem amar, instruir e acompanhar seus filhos. Cuidar vai além de suprir necessidades materiais; envolve presença, atenção e dedicação.

Nenhum sucesso material compensa o fracasso da família, e jamais podemos edificar o sucesso material sobre os escombros do lar.

Jesus nos ensina a ordenar corretamente as prioridades: primeiro Deus, depois a família e, por fim, as demais coisas. A primeira palavra da cruz foi de perdão; a segunda, de salvação; a terceira, de cuidado. E agora contemplaremos a quarta palavra da cruz.

A quarta palavra proferida por Jesus da cruz: Foi a palavra do desamparo

(Mateus 27:46) Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?

Naquele momento solene da cruz, Jesus foi feito pecado por nós e levou sobre Si a maldição que nos era devida.

A Escritura declara que Ele “levou em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro” (1 Pedro 2:24).

Deus, em Sua justiça santa, puniu o pecado em Seu próprio Filho, que se ofereceu como nosso Substituto.

Por isso, na quarta palavra da cruz, Cristo clamou: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?”

O Pai não O amparou naquele instante, porque sobre Ele estava o peso da nossa culpa. Como profetizou Isaías 53:10, “ao Senhor agradou moê-lo, fazendo-o enfermar”.

Jesus bebeu o cálice da ira divina em nosso lugar.

Aqui está o coração do Evangelho: Deus permaneceu justo e, ao mesmo tempo, justificou o pecador, porque Cristo satisfaz plenamente as exigências da Lei. Se Jesus tivesse descido da cruz, não haveria salvação. Ele foi desamparado para que fôssemos amparados eternamente. A salvação é gratuita para nós, mas custou o sangue e a vida do Filho de Deus.

Compreender o que ocorreu na cruz nos leva a valorizar, com temor e gratidão, tão grande salvação.

Tendo contemplado a quarta palavra da cruz, passaremos agora a considerar a quinta palavra, na qual Cristo revela, mais uma vez, a profundidade de Seu sofrimento e o cumprimento perfeito das Escrituras.

A quinta palavra proferida por Jesus da cruz: Foi a palavra da agonia física de Jesus

(João 19:28) “Tenho sede.”

Na quinta palavra da cruz, ao dizer “Tenho sede”. Jesus revelou Sua verdadeira humanidade. Em vez de aliviarem Seu sofrimento com água, ofereceram-Lhe vinagre, intensificando ainda mais Sua aflição, cumprindo as Escrituras.

Naquele momento, o Criador do universo sofria de maneira única e incomparável, pois não estava apenas suportando a dor da crucificação, mas carregando sobre Si o peso dos pecados da humanidade.

Os dois malfeitores crucificados ao Seu lado sofriam por seus próprios crimes; Cristo, porém, sofria pelos pecados da humanidade. Seu sofrimento foi incomparável, porque era vicário e redentor.

Na cruz, Jesus sofreu fisicamente, suportando a dor do suplício; sofreu moralmente, enfrentando zombaria e desprezo; e sofreu espiritualmente, ao carregar sobre Si a culpa da humanidade. Assim, até mesmo em Sua sede, contemplamos a profundidade do amor daquele que Se entregou por nós.

Tendo considerado a quinta palavra da cruz, passemos agora à sexta palavra, onde contemplamos a declaração triunfante da obra redentora plenamente consumada.

A sexta palavra proferida por Jesus da cruz: Foi a palavra do triunfo e da vitória

(João 19:30) “Está consumado.”

A sexta palavra da cruz é a palavra do triunfo e da vitória. Ao declarar “Está consumado”. Jesus proclama que a obra da redenção foi plenamente realizada. No original grego, a expressão tetelestai carrega a ideia de algo concluído e pago integralmente.

Ao bradar essas palavras, Cristo afirmou que cumpriu perfeitamente a missão que o Pai Lhe confiara: oferecer-Se em sacrifício pelos nossos pecados. A dívida que pesava contra nós foi quitada. Nada ficou pendente.

Na cruz, nossa culpa foi paga e a justiça de Cristo é imputada a todo aquele que crê. O pecador é justificado e liberto da condenação eterna. A redenção foi consumada no Calvário. Tetelestai — está pago.

A sexta palavra da cruz declara que a obra da redenção foi plenamente realizada.

Tendo ouvido o brado de vitória — “Está consumado” —, passemos agora à sétima e última palavra da cruz, na qual o Salvador entrega Seu espírito ao Pai, selando com confiança perfeita a obra que acabara de concluir.

A sétima palavra proferida por Jesus da cruz: Foi a palavra de rendição e entrega

(Lucas 23:46) “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito.”

A obra de Jesus foi consumada na cruz. Após declarar “Está consumado”, Ele entrega-Se plenamente ao Pai, dizendo: “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito”.

Cristo realmente morreu, e morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, cumprindo fielmente o plano da redenção.

Ao entrar nas profundezas da morte, Ele não foi vencido por ela; antes, venceu-a. Ao morrer, arrancou o agulhão da morte e triunfou sobre ela pela Sua ressurreição gloriosa. Aquele que Se entregou voluntariamente ressurgiu dentre os mortos, tornando-Se o nosso eterno e glorioso Redentor.

Conclusão

As sete palavras da cruz revelam a plenitude da obra redentora de Cristo. Nelas contemplamos perdão para os inimigos, salvação para o pecador arrependido, cuidado para a família, substituição no desamparo, humanidade no sofrimento, vitória na consumação e confiança na entrega ao Pai.

Cada palavra manifesta um aspecto glorioso do amor divino e do plano da redenção.

Assim, da primeira à sétima palavra, vemos que a cruz não foi derrota, mas triunfo.

Ali, o Filho de Deus realizou tudo o que era necessário para a nossa salvação.

Resta-nos, portanto, crer, agradecer e viver para a glória de Deus.

